

CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 2 · ANO DE 2000



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Os Moinhos do Côa – Introdução ao seu estudo

JOAQUIM GONÇALVES GUIMARÃES

Ao longo das margens do Côa, ou nos afloramentos arenosos do seu leito quando as condições o permitiam, existem moinhos desde longa data, hoje quase todos em ruínas ou mesmo enterrados nas areias trazidas pelas enxurradas.

Estes moinhos recebiam a água através de um caneiro artificial conjugado com um açude, fazendo assim trabalhar a sua parte motora, constituída por uma roda de penas, a qual movia um eixo vertical que, por sua vez, fazia girar a mó de cima.

Nas imediações da Quinta da Ervamoira existem as ruínas de alguns desses moinhos: os da Penascosa, o das Donas e os da Ribeira dos Piscos, alguns ainda com a respectiva casa do moleiro nas imediações. Mas há vestígios de terem existido muitos mais. Os mais recentes deixaram de funcionar há cerca de quarenta anos.

Mas a actividade moageira no Vale do Côa remonta ao neolítico e manteve-se activa até aos dias de hoje. Nos anos trinta deste século ainda “a indústria da moagem é das mais primitivas, fazendo-se nas azenhas que... existem no Côa e nas principais ribeiras, pouco distanciadas entre si. Há também nos lugares mais afastadas dos cursos de água fábricas de moagem, como em Almendra, Freixedas, Pínzio, Trancoso, Meda e Almeida”¹.

Efectivamente existiam então neste rio “azenhas nas quais a água, desviada do leito do rio por açudes e respectivas levadas que formam um ângulo agudo com o rio, onde está o vértice, caindo da altura de três a quatro metros através dum plano inclinado, produz força motriz para esmagar ou moer os cereais”².

Algumas dessas azenhas, ou moinhos de rodízio, chegaram até aos nossos dias embora em situação de ruína, tendo deixado de moer logo a seguir à 2.ª Grande Guerra.

É vulgar a confusão entre uns e outros³: no Côa as azenhas não vingaram, até pela simples razão de que a sua roda teria de ser apeada no Inverno. Mas, nos anos trinta, o texto atrás citado de Carlos

Alberto Marques⁴ pode sugerir que a água caía sobre roda de eixo horizontal das azenhas.

A actividade moageira começou por ser doméstica e manual. Na região têm sido encontradas mós de rolo em granito no Castro de Tambores, junto às Chãs, no Castelo Velho da Meda, em Castanheira do Vento e noutros locais, o mesmo acontecendo com as mós manúarias também em granito, as quais devem ter tido uma longa utilização que perdurou até, pelo menos, à Idade Média⁵. No Museu de Ervamoira existe uma metade dormente de mó de rolo por nós encontrada num muro do Caminho Velho das Chãs, para além de fragmentos de mós manúarias encontradas na estação arqueológica da Quinta. Nas escavações que aqui dirigimos temos encontrado várias destas mós, algumas associadas a estruturas de cozinha, as quais são igualmente frequentes nos vestígios de algumas antigas estruturas habitacionais da região. Em pontos estratégicos dos outeiros nas imediações daquela Quinta havia vestígios de construções rectangulares onde, para além de alguma cerâmica, era frequente encontrarem-se mós manúarias, segundo informação que colhemos do feitor Sr. José do Nascimento Sobral, que as atribui aos “antigos”. Ainda nesta propriedade, na parede fronteira à porta de entrada da Casa do Forno de cozer pão, existe embutida na parede em local de destaque meia mó manúaria, o que mostra que quem ali a pôs (há quanto tempo?) sabia o significado da sua utilidade.

Na campanha de escavações de 1999 nesta estação foi encontrada uma estrutura moageira composta por uma depressão quadrangular cavada no xisto com cerca de 1x1 metros, e cerca de 10 cm de rebaixamento, ladeada por um murete em ângulo recto, talvez construído como tapamento, junto do qual foi encontrada uma mó dormente, a qual também recolheu ao Museu. Embora sejam em grande número estas peças associadas a sítios romanizados ou alti-mediévicos, o seu estudo

¹ Ver MARQUES, Carlos Alberto (1995) – *A Bacia Hidrográfica do Côa seguido de Algumas Notas Etnográficas de Riba Côa 1935-1938*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 84.

² *Idem*, p. 31.

³ Cf. FERREIRA, Felicidade Rosa Moura (1994) – *Sistemas de moagem pré-industrial do Douro Litoral*. Seminário de licenciatura apresentado a Universidade Portucalense Infante D. Henrique, orientado por J. A. Gonçalves Guimarães.

⁴ Cf. MARQUES, *op. cit.* Nota 1.

⁵ A utilização das mós manúarias vem até aos nossos dias em alguns pontos do país: Cf. GALHANO, Fernando (1978) – *Moinhos e Azenhas de Portugal*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. Ainda são usadas no Norte de África e constatamos também a sua actual utilização em Cabo Verde, talvez mais pela via da colonização portuguesa do que por influência norte africana.

sistemático ainda não foi sequer iniciado nesta região⁶.

Em contextos medievais, ou mesmo já pós-medievais, temos encontrado algumas mós daquela pedra mas de maior calibre, que podem ter a ver não com a moagem dos cereais mas sim com a sua utilização em moinhos de azeite ou atafonas para triturar o sumagre. Nas ruínas de uma parede de xisto de uma construção do que resta do castelo de Muxagata encontramos em 1986 uma mó redonda em granito maior do que as habituais mós manúarias. Poderá ter tido esta última utilização. Ainda nesta freguesia, na Quinta das Olgas, fotografamos também em tempos uma mó de granito que pertenceu a uma atafona de sumagre. Mós semelhantes eram ainda usadas em lagares de azeite⁷.

A partir de uma ainda indeterminada época, no Vale do Côa e seus afluentes, e concerteza também nas outras ribeiras da região, passaram a ser construídos moinhos hidráulicos. As notícias mais antigas sobre eles remontam pelo menos a 1130, conforme se pode ler no Foral de Numão, onde se fala na azenha de Donão⁸, a qual interpretamos como sendo o moinho das Donas (Donão será má leitura ou transcrição de *Donae*), cujas ruínas ainda existem no rio Côa em frente de Ervamoira. A discussão sobre este assunto pode ver-se em Coixão & Trabulo, 1995, 26 e seguintes⁹.

Mas não será de estranhar que algumas estruturas moageiras, que sobreviveram até este século, tenham a sua remota origem já no período romano, pois as máquinas hidráulicas de roda vertical são descritas por Vitrubio e a arqueologia tem encontrado moinhos noutros lugares da Europa datados do Baixo Império e da Alta Idade Média; Champion afirma que não houve alterações tecnológicas entre os moinhos descritos por aquele arquitecto romano e o moinho do Saltério de Herrade de Landsberg do século XII¹⁰. Poderão

⁶ Ver COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues (1998) - Romanização na área do actual concelho de Foz Côa. *Côavisão Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Côa, n.º 0 p. 52. Sobre o estudo de mós em Conimbriga ver BORGES, Nelson (1978) - Mós manuais de Conimbriga. *Conimbriga*, XVII. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

⁷ Ver TRABULO, Joaquim Manuel (1992) - *Chãs de Foz Côa a sua História e a sua Gente*. Vila Nova de Gaia: Ed. do A., p. 80.

⁸ Ver FERREIRA, J.A. Pinto (1953) - Antiquidades de Numão. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. vol. XVI, fasc. 1-2, p. 245.

⁹ Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues (1995) - *Evolução político-administrativa na área do actual concelho de Vila Nova de Foz-Côa - séc. XII a XX*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

¹⁰ Ver CHAMPION, Étienne (1996) - *Moulins et Meuniers carolingiens dans les polyptyques entre Loire et Rhin*. Paris: Association pour l'Édition et la Diffusion des Etudes Historiques/ Vulcain, p. 17.

Sobre as máquinas hidráulicas com roda de eixo horizontal descritas por Vitrubio ver VITRUVIO POLIÓN, Marco Lucio

pois ser muito antigos quer os moinhos hidráulicos de roda de eixo vertical, ou moinhos de rodízio, mas também os de eixo horizontal, que poderão ter aqui realmente existido, pois nos costumes e foros de Castelo Bom, Alfaiates e Castelo Melhor encontram-se referências a estas duas variedades, distinguindo-se os *molin*os das *azenias*¹¹. Mas, como acima referimos, a confusão entre moinhos de rodízio e azenhas é frequente¹².

No século XIII também os Foros de Castelo Rodrigo referem a existência de azenhas (*azenias*, *azennas*, *açennas*, *acennas*) e moinhos (*moinos*, *moynos*, *moynnos*), bem assim como moleiros (*moynnero(s)*) e azenheiros (*azennero(s)*), os quais deviam moer à vez¹³, distinguindo *hos que ante foren feytos ou de poys*¹⁴. Para efeitos de taxação também se distinguem os moinhos que moem *en enuerno e en agosto*: os que moem *desde Sant Johan fasta Sant Miguel* pagavam XII morabitanos e os que moem *desde Sant Miguel fasta Sant Johan*, XVI¹⁵, obviamente pelas águas irem mais crescidas.

Nos desenhos que Duarte de Armas fez no início do século XVI de alguns castelos da região e onde se vislumbram trechos do rio Côa, como no caso de Sabugal, encontram-se alguns moinhos e pisões, todos eles com uma roda exterior de eixo horizontal. Mas de tais desenhos não nos parece poder concluir-se que se trata de verdadeiras azenhas, mais nos parecendo que a roda está ali como que um símbolo convencional de moinho e não como uma estrutura que realmente existisse, até porque apresentam a roda perpendicular à corrente, sendo de todo impossível ela funcionar nesta posição¹⁶.

Podemos no entanto admitir que as azenhas podem ter sido mais vulgares no curso superior do Côa e os moinhos de rodízio, no curso inferior. Ou que coexistiram até determinada época, como sugerem os Foros de Castelo Rodrigo. De qualquer modo hoje as azenhas são totalmente desconhecidas na nossa área de estudo, pois apenas temos

(1995) - *Los diez libros de Arquitectura*. Introdução de Delfín Rodríguez Ruiz e versão castelhana de José Luís Oliver Domingo. Madrid: Alianza Editorial, pp. 369 a 378.

¹¹ Ver *Portugaliae Monumenta Histórica - Leges et Consuetudines* (1856-1868) - Lisboa: Academia das Ciências, I, pp. 762, 808 e 925.

¹² Ver VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1983) - *Elucidário das palavras termos e frases...*1798. 2.ª edição crítica por Mário Fiuza. Porto: Livraria Civilização Editora, I, p. 697 e segs.

¹³ Ver CINTRA, Luís F. Lindley (1959) - *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Reprodução fac-similada em 1984. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 93, XVIII.

¹⁴ *Idem*, XXI.

¹⁵ *Idem*, 96, XXXV.

¹⁶ Cf. ARMAS, Duarte de (1997) - *Livro das Fortalezas*. Fac-simile do manuscrito das primeiras décadas do séc. XVI. Introdução de Manuel da Silva Castelo Branco, 2.ª edição. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Edições Inapa, p. 63.

encontrado moinhos de rodízio e tão pouco a memória oral regista aquelas.

Este aumento ou pervivência medieval de instalações moageiras teve obviamente a ver com o incremento das culturas cerealíferas, não devendo ser estranho a ambos a presença dos freires da Ordem do Templo na região. Efectivamente a partir do século XII parece ter-se dado aqui um grande aumento da produção do centeio devido à introdução da relha de ferro nos arados¹⁷, atingindo a produção um ponto alto nos séculos XVI e XVII, conjuntamente com a produção de trigo onde tal era possível. Esta extensão das searas poderá mesmo ter levado à construção de moinhos de vento em locais elevados, até porque grande parte dos moinhos do Côa só trabalhavam no Verão¹⁸, pois no Inverno e na Primavera tal era impossível devido às enxurradas, sendo mesmo habitual os moleiros desmontarem as estruturas móveis dos moinhos para não serem afectadas pelas águas impetuosas durante as inverniais.

No século XVIII os moleiros eram uma profissão importante na região, o que os não impediu, ou aos seus familiares, de serem molestados pelo Tribunal da Inquisição de Coimbra: em 1728 tal é o caso de Manuel de Almeida, moleiro de Ranhados e no ano seguinte Ursula Lopes, filha do moleiro Manuel Rodrigues, morador no Rio Torto¹⁹.

Nos finais do século XVIII na Capela da Senhora do Socorro, na actual Quinta da Ervamoira, dizia-se missa nos dias santos para os romeiros, passageiros e *moleiros*, concerteza dos moinhos da ribeira dos Piscos, o das Donas e os da Penascosa, instalados na margem e no leito do rio Côa nas imediações desta propriedade.

Nos primeiros anos do século XX aparecem na região as moagens a vapor e logo depois as movidas a energia eléctrica, o que ditou o abandono dos moinhos hidráulicos. Assim, já em 1919 se regista na Meda a Fábrica de Moagem e Serração Esperança, de Virgílio Pimentel, e a Fábrica de Moagem de Eduardo António Rego & Irmãos e, na Prova, a Moagem de Jaime Monteiro²⁰.

Nas Chãs coexistiram até mais tarde um moleiro tradicional, com moinho na ribeira dos Piscos, e um outro que tinha uma moagem dentro da povoação. O interior de um destes moinhos do baixo Côa pode ser visto na fotografia publicada por Trabulo, 1992, 204²¹. Os moleiros dos moinhos daquela ribeira e do rio Côa, que particularmente nos interessam para o nosso estudo, habitavam também em Muxagata, em Santa Comba e na Barreira²².

¹⁷ Ver RODRIGUES, Adriano Vasco (1983) – *Terras da Meda – Natureza e Cultura (Monografia)*. Meda: Câmara Municipal, p.307.

¹⁸ *Idem*, 208.

¹⁹ *Idem*, 195.

²⁰ *Idem*, 239 e 242.

²¹ *Op. cit.* Nota 7.

²² *Idem*.

Como é obvio, quando os moinhos foram abandonados, rapidamente foram destruídos e assoados pelas correntes caudalosas do Côa, sobretudo depois da construção da ensecadeira da barragem. Mesmo assim ainda tivemos oportunidade de registar a existência de grandes e espessas mós dormentes de aplito, granito mole e esbranquiçado provavelmente extraído em Salgueiro, Freixo de Numão²³, e de mós moventes para o trigo, feitas em tufo calcário, talvez provenientes de Condeixa-a-Velha e extraídas de pedreiras perto de Conimbriga²⁴.

Sobre os moinhos do Côa praticamente não há bibliografia e não conhecemos propósitos para o seu estudo. Veja-se, por exemplo, *Terras do Côa – da Malcata ao Reboredo*, coordenação de Alexandra Cerveira Pinto S. Lima. Maia: Estrela Côa, 1998, onde não há uma única referência aos moinhos, embora alguns dos autores dos estudos aqui apresentados refiram outras estruturas rurais como, por exemplo, os pombais. Por esses motivos, integrado no projecto ARQERV²⁵ promovido pelo Museu de Sítio de Ervamoira, estamos a proceder ao seu levantamento e estudo, com o seguinte programa:

- 1 – Levantamento dos vestígios da actividade cerealífera e moageira no Vale do Côa desde o Neolítico, com especial incidência na área do Parque Arqueológico.
- 2 – Levantamento dos moinhos ou dos seus vestígios.
- 3 – Levantamento da documentação histórica sobre os moinhos e os moleiros do Vale do Côa.
- 4 – Intervenção arqueológica nos moinhos da área do Museu de Ervamoira.
- 5 – Estudo dos projectos de consolidação de estruturas e sua musealização *in situ* ou no Museu de Ervamoira.
- 6 – Publicação de estudos monográficos e divulgação dos resultados da acção²⁶.

²³ Sobre a antiguidade da exploração do aplito nas pedreiras da zona do Salgueiro em Freixo de Numão ver Coixão & Trabulo, 1998 (*op. cit.* Nota 6), p. 52.

²⁴ Sobre a importação de mós de Condeixa-a-Velha para o Vale do Côa, veja-se PESSOA, Miguel; RODRIGO, Lino (1990) – *Cabouqueiros de Mós em Condeixa-a-Velha*. Coimbra, pp. 22 e 25, embora aqui apenas documentada para as décadas de cinquenta e sessenta do séc. XX e para a área do Sabugal.

²⁵ O projecto ARQERV – Arqueologia Histórica do Vale do Côa: 1 – Ervamoira, de que é autor e responsável o autor deste texto, foi aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA) em 1998 com a pontuação máxima de 5 pontos. Porém, até à data, não teve qualquer financiamento por parte dos organismos do Estado, regionais ou autárquicos, tendo sido inteiramente suportado pela Casa Ramos Pinto, pelo Instituto Português da Juventude (Programa OTL) e pelo Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia.

²⁶ Uma primeira divulgação pública deste estudo foi apresentada nas las Jornadas do Património da Beira Interior realizadas na Guarda entre 1 e 3 de Outubro de 1998 através de um poster intitulado *Moinhos do Côa*, da autoria de Gon-

Até à data, nas imediações da Quinta da Ervamoira, registamos e fizemos o levantamento sumário dos seguintes moinhos:

A – Núcleo de moinhos da Penascosa

Existem aqui vestígios de vários moinhos: o melhor conservado, ainda estava praticamente intacto em 1986²⁷. Apresenta a Sul uma parede arredondada, em talha-mar, construída com pedras de topo, preparada para resistir às correntes do Côa. A roda motriz era construída em ferro e não em madeira. Hoje encontra-se assoreado até mais de metade da sua altura e já não tem telhado.

Nas suas imediações há vestígios de outros moinhos, todos assoreados, provavelmente muito mais antigos, bem assim como açudes e caneiros.

Uma casa de moleiro, construída na margem a cota mais elevada, apesar de abandonada, tem ainda paredes sólidas. As terraplanagens e outras intervenções paisagísticas nas imediações do famoso núcleo de gravuras paleolíticas aqui existente não têm tido em conta este núcleo de moinhos, alguns dos quais podem ter mil anos!

B – Moinho das Donas

Em frente de Ervamoira, na margem direita do Côa, existe um longo caneiro que trazia a água de um açude até ao moinho das Donas, hoje totalmente assoreado. A casa do moleiro, construída na margem, foi destruída em 1994 pelas águas do rio impedidas de escoar com a costumada liberdade devido à construção da ensecadeira da barragem. Não sabemos se existem mais moinhos enterrados na areia nas suas imediações ou na margem esquerda do Côa, o que parece provável devido à existência de vestígios de caneiros e açudes com outras direcções que não a daquele moinho.

C – Núcleo de moinhos da Ribeira dos Piscos

Na ribeira dos Piscos registamos um moinho em relativo bom estado junto à Quinta dos Piscos, um

outro muito arruinado em frente à Quinta Nova, com o respectivo açude e caneiro, e ainda um outro em pleno Côa, a jusante da foz desta ribeira, todo coberto pelas águas represadas pelo regolfo da ensecadeira da barragem, sendo no entanto visível a casa do moleiro, da qual já só restam as paredes.

Existem ainda vestígios de outros moinhos no Côa e seus afluentes ao longo de todo o Vale, ruínas esquecidas de uma região outrora mais habitada e cujos moradores deles levavam a farinha para o pão com que se alimentavam cozido em fornos de pedra e barro. Em frente à casa do moleiro da Penascosa, mas na margem esquerda, existem as ruínas de um antigo complexo habitacional rural cujo forno de cozer pão ainda está em bom estado, o mesmo acontecendo com os da Quinta da Barca e da Quinta da Ervamoira.

Importa pois continuar a fazer o seu levantamento exaustivo e a sua escavação arqueológica, antes que as águas e as acções humanas destruam completamente estes vestígios que podem ter, em muitos casos, pelo menos mil anos de existência e estando intimamente ligados às gravuras mais recentes que coexistem, em muitos locais, com as paleolíticas, como é o caso daquelas que foram feitas pelo moleiro José Alcino Tomé na década de quarenta do século XX²⁸.

Os moinhos do Côa são, por tudo isto, uma parte inalienável do Património Cultural do Parque Arqueológico classificado como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO a 2 de Dezembro de 1998.

Nota final: Agradeço à Dr.^a Felicidade Ferreira o contributo para o levantamento destes moinhos e a cedência do desenho da Fig. 2, bem assim como a D. Amélia Cabral o tratamento informático deste texto. O desenho da Fig. 1 foi feito por António Martins segundo as nossas indicações. As fotografias são de nossa autoria.

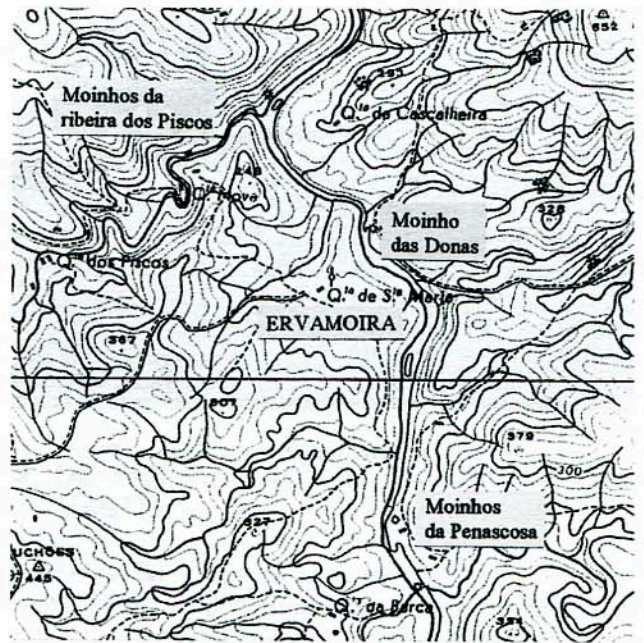
çalves Guimarães e Felicidade Ferreira. Esse poster foi depois integrado na exposição "Ervamoira – um outro olhar sobre o Côa" que esteve patente ao público no salão do Turismo da Casa Ramos Pinto em Vila Nova de Gaia a partir de Maio de 1999.

²⁷ Ver GUIMARÃES, J.A. Gonçalves (1997) – *Museu de Ervamoira – Guia do Visitante*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A., pp. 48/49.

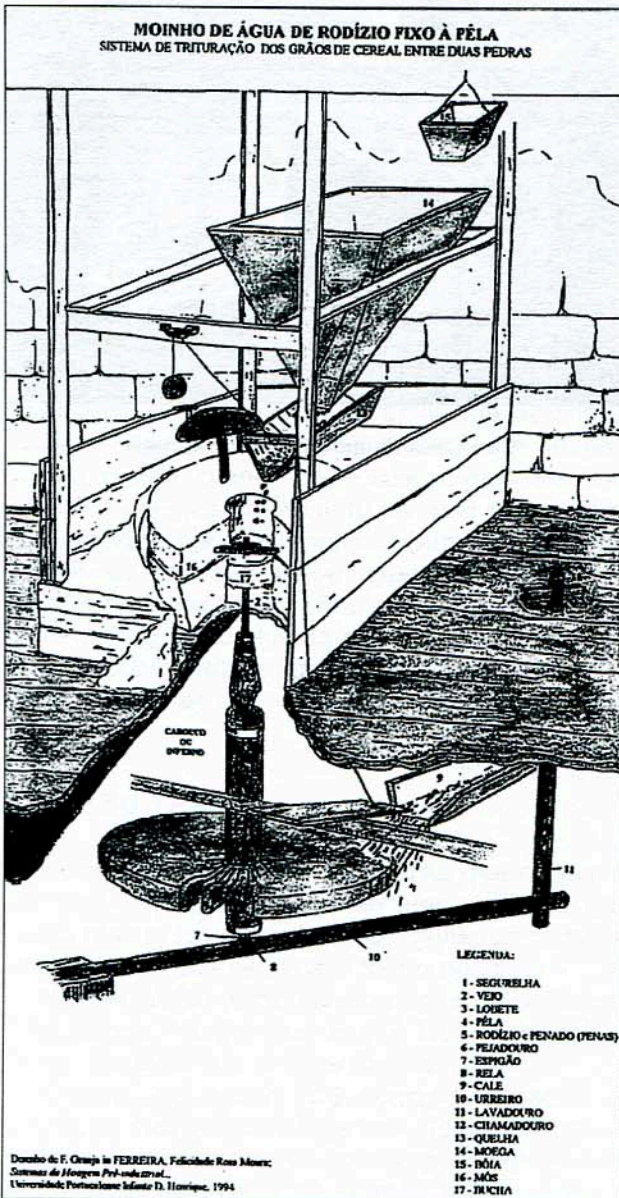
²⁸ Cf. TAVARES, Gisela Miravent (1999) – O último gravador de Foz Côa. *Atlantis*, n.º 1, Janeiro/Fevereiro de 1999. Lisboa: Tap Air Portugal, p. 97 e seguintes.



1. Moinho do Côa desenhado por Duarte de Armas no séc. XVI



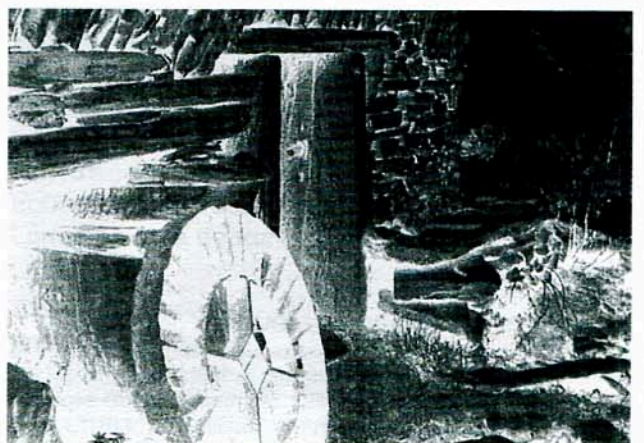
2. Localização dos núcleos de moinhos nas imediações de Ervamoira



3. Mecanismo hidráulico dos moinhos de rodízio



4. Moinho da Penascosa em 1986



5. Rodízio em ferro do moinho anterior



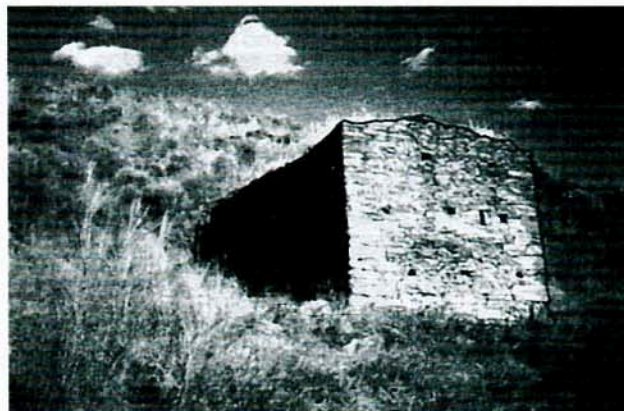
6. O mesmo moinho em 1996



7. Mó de aplito de outro moinho da Penascosa



8. Peso de quartzito com estribo de ferro de moinho do Côa



9. Casa de moleiro na Penascosa